

DOSSIÊ: GÊNERO E EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Em época de Escola sem partido e ‘ideologia’ de gênero, a escola e os saberes escolares viram espaço de disputa. Continuar a falar e a pesquisar sobre gênero, feminismo, transfeminismo passa a ser, então, uma forma de resistência política. Todos os/as autores deste dossiê estão ciosos do seu importante papel na disputa narrativa e no posicionamento contra qualquer retrocesso aos avanços das pautas identitárias. Convidamos o leitor a participar conosco da resistência com a leitura dos artigos que aqui estão. Os autores são todos professores doutores que se dedicam há bastante tempo à discussão acerca das relações de gênero. O machismo, o patriarcado, a homofobia e a transfobia são formas violentas e intimidatórias de calar as vozes dissidentes. O capitalismo neoliberal heteropatriarcal racista dita, infelizmente, a agenda atual do Estado brasileiro, aprofundando as desigualdades. Enquanto as doenças sexualmente transmissíveis aumentam, a bancada evangélica do congresso boicota a educação sexual nas escolas. Vivemos um momento de grande tensão no nosso país com o avanço da extrema direita, por isso celebramos a oportunidade que a revista *Aprender* nos proporciona de divulgar nossas pesquisas acadêmicas. Não resta dúvida, discutir as relações de gênero nas escolas brasileiras continua sendo uma ação basilar para o avanço da democracia e a diminuição das desigualdades em nosso país.

A proposta de produzir um número especial em torno da temática *Gênero e Educação* situa-se como importante passo para qualificar o estudo e o debate sobre a diversidade sexual no contexto educacional. Apresentando diferentes perspectivas e linhas teóricas, o presente Dossiê conta com a participação de professores e pesquisadores do tema reunidos em torno de um interesse comum, que é promover um campo de reflexão sobre as relações entre gênero e educação a partir de diferentes problemas e vertentes.

No artigo **Gênero: breve história de um conceito** as autoras Maria Luiza Heilborn e Carla Rodrigues elucidam a construção do conceito de gênero nas mais variadas vertentes e sua função crítica nos processos de subjugação das mulheres em diversos setores, ressaltando sua importância na esfera da educação.

No ensaio **Notícias de uma guerra particular: percursos de projeto de extensão emaranhando estudos de gênero e discursos curriculares**, os autores Jorge Marçal, Paula Lemos e Thiago Ranniery discutem as relações entre estudos de gênero e discursos curriculares a partir do trabalho realizado em oficinas de formação de professores, e os desdobramentos como ação política, tendo em vista que o gênero se reveste de um novo sentido como um “modo de olhar e eletrizar categorias” e “encontrar a diferença”.

No texto **Por uma Educação não sexista contra a neutralidade ideológica de gênero** a autora Priscila Carvalho traz à baila os argumentos sustentados pelo Programa Escola Sem Partido e seu objetivo de cerceamento da prática docente face ao que consideram ser um trabalho de doutrinação e “ideologia de gênero”. Buscando analisar as noções de neutralidade e ideologia e suas relações no campo da educação, o texto tem como fito determinar a importância de uma “Educação antissexista” visando desmontar a ideologia de gênero.

No artigo **Uma experiência na escola sobre gênero e sexualidades** os autores Virginia Georg Schindhelm e Jonas Alves da Silva Junior partem do relato de uma experiência no curso de formação de professores e o desafio de se deparar com “produções subjetivas e relacionais” distintas. Partindo desse viés, o texto visa problematizar a diversidade e a discriminação como forma de confrontar as questões de gênero e sexualidade no processo escolar, objetivando criar um campo de práticas e pedagogias que desequilibrem os padrões normativos e possibilitem vivenciar as diferenças sexuais.

Em **Feminismo Decolonial, Perspectiva dos Funcionamentos e Educação**, as autoras Maria Clara Dias e Leticia Gonçalves discorrem sobre o modelo de justiça apropriado a um sistema educacional diverso e inclusivo, tendo como referência o Feminismo Decolonial e a Perspectiva dos Funcionamentos visando uma abordagem crítica do real e uma teoria da justiça compatível com a realidade.

No artigo **O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas**, a autora Susana de Castro reflete sobre os efeitos do machismo e das identidades fixas, e a importância de se considerar a escola como o espaço de mudança para o questionamento das bases de sustentação da cultura machista. Face à desumanização promovida pelo capitalismo liberal, relaciona a masculinidade tóxica com a busca por poder, símbolo de masculinidade, que atrai os jovens das favelas e periferias urbanas ao tráfico de drogas.

E finalizando, temos o artigo **Por uma educação TRANSgressora e TRANSfeminista: Possíveis enfrentamentos à produção das ausências através da disciplinarização e subjetivação**, dos autores Fabio A. G. Oliveira e Liliana Rodrigues, que visa problematizar o lugar de pessoas trans na esfera da educação a partir de um ponto de vista feminista. O trabalho parte inicialmente de uma análise teórica dos processos de categorizações no âmbito das instituições e discursos, em seguida, baseando-se nos estudos de Michel Foucault e as noções de disciplina e subjetivação; e bell hooks para pensar a função pedagógica da transgressão.

Susana de Castro

Zamara Aranja